
“Serás lido, Camões”: o diálogo de *O Uraguai* com *Os Lusíadas*

*“Serás lido, Camões”: the dialogue of *O Uraguai* with *Os Lusíadas**

Vania Pinheiro Chaves

Universidade de Lisboa / CLEPUL

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1385>

RESUMO

Como é sugerido pelo título, este artigo analisa alguns dos vínculos existentes entre *O Uraguai* e *Os Lusíadas*, bem como o enraizamento dos dois poemas na tradição épica greco-romana. Desde a publicação de *O Uraguai*, há quem conteste essa ligação e os méritos do poema. Dentre os numerosos aspectos da intertextualização de *Os Lusíadas* na épica basiliiana, são analisados a emulação e o afastamento diverso dos dois épicos de língua portuguesa dos modelos formais da tradição greco-romana, o assunto extraído da História coeva, a temática bélica, a construção do herói, o espírito crítico, o sentido patriótico da mensagem de Camões e de José Basílio da Gama.

PALAVRAS-CHAVE: *O Uraguai*; *Os Lusíadas*; Épica greco-latina; Herói; Guerra; Nacionalismo.

ABSTRACT

As suggested by the title, this article examines some of the links between *O Uraguai* and *Os Lusíadas*, as well as the rootedness of the two poems in the Greco-Roman epic tradition. Since the publication of *O Uraguai*, there are those who dispute this connection and the merits of the poem. Among the numerous aspects of the intertextualization of *Os Lusíadas*

in the Basilian poem, the emulation and the diverse distance of the two Portuguese-language epics from the formal models of the Greco-Roman tradition, the subject extracted from the Coeval History, the war theme, the construction of the hero, the critical spirit, the patriotic sense of the message of Camões and José Basílio da Gama are analyzed.

KEYWORDS: *O Uruguai*; *Os Lusíadas*; Greco-Roman epic poetry; Hero; War; Nacionalism.

INTRODUÇÃO: A RECEPÇÃO DE *O URAGUAI* E *OS LUSÍADAS*

Extraído do verso inicial da “Ode a Camões” (Silva, 1812, p. 249-256), em que José Maria da Costa e Silva¹ presta homenagem ao maior poeta de Portugal, o fragmento de decassílabo utilizado no título deste ensaio (“Serás lido, Camões”) constitui apropriação parcial do mais famoso decassílabo de José Basílio da Gama (“Serás lido, Uruguai. Cubra os meus olhos”; *U*, 5, 140). Revelador de prática intertextual similar a que é aqui abordada, este aproveitamento sugere que o poeta setecentista português – a quem se deve também a mais antiga notícia da paródia basiliana ao famoso episódio do Velho do Restelo (Silva, 1843, p. 395) – visaria possivelmente sugerir a existência de vínculos entre as criações épicas de Basílio da Gama e de Luís de Camões², cuja fama ainda não atingira a culminância atual³.

¹ Nascido em Lisboa em 1788 e falecido em 1854, José Maria da Costa e Silva, poeta, dramaturgo, tradutor e ensaísta, é lembrado hoje quase unicamente pelos dez volumes do seu *Ensaio biográfico-crítico sobre os melhores poetas portugueses* (1850-1855). Admirador de Basílio da Gama, Costa e Silva publicou em 1841 um artigo sobre ele em *O Ramalhete. Jornal de Instrução e Recreio*.

² A referência bibliográfica das citações dos poemas de Camões e de Basílio da Gama é feita através das iniciais *Lus.* (*Os Lusíadas*) e *U.* (*O Uruguai*). Todos os textos aqui transcritos foram atualizados em conformidade com o novo acordo ortográfico.

³ Como frisou Alexei Bueno na conferência de abertura da Comemoração do 5º Centenário de Nascimento de Luís de Camões, organizada pelo Real Gabinete

José Maria da Costa e Silva não foi, contudo, o primeiro a fazer pensar nas ligações entre *O Uruguai* e *Os Lusíadas*, visto que o seu ponto de partida se encontra no Parecer da Real Mesa Censória para a impressão do poema basiliano, redigido por João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho⁴. No pressuposto de que a criação épica é de suma dificuldade por estar “sujeita a umas Leis, senão impossíveis, dificultosíssimas de praticar” (Coutinho; Sant’Anna; Novaes, 1769, p. [1]), este censor apontou falhas em todas as produções do gênero épico, inclusive em *Os Lusíadas*. Considerando, portanto, inevitáveis os defeitos do poema basiliano, Azevedo Coutinho reconhece que Basílio da Gama era verdadeiramente poeta e decide que *O Uruguai* era “muito digno da licença [...] para comunicar-se ao público por meio da Imprensa” (Coutinho; Sant’Anna; Novaes, 1769, p. [2]).

Português de Leitura, a epopeia camoniana foi criticada, no período iluminista, por defensores de um neoclassicismo de origem falsamente clássica, cuja incompreensão da estética anterior à Renascença ou da estesia maneirista e barroca, a par com a crença na espúria ideologia do progresso continuado da arte, impedia-os de apreciar o inigualável valor d’*Os Lusíadas*. Basta lembrar as críticas de Voltaire, Verney ou Inácio Garcês Ferreira à épica camoniana, bem como as que enunciou, no Oitocentos, José Agostinho de Macedo ao combater a “adoração” de Camões.

⁴ João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho (Rio de Janeiro, 1722 – Lisboa, 1799) teve papel proeminente no governo do Marquês de Pombal, tendo exercido diversas funções, entre as quais as de Deputado de Real Mesa Censória, Membro da Junta de Providência Literária, Procurador da Coroa, Guarda-mor do Real Arquivo. Sua adesão às reformas pombalinas e o seu repúdio aos jesuítas – patentes na escrita dos fundamentos que sustentam o *Compêndio histórico da Universidade de Coimbra* – ajudam a perceber a simpatia com que terá examinado o poema basiliano.

Ainda no Setecentos, Filinto Elísio⁵ e o Padre Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos⁶ situaram Termindo Sipílio – pseudônimo que Basílio adotou ao ingressar na Arcádia Romana – em posição idêntica à de Camões. Filinto, na ode “Os últimos adeus às Musas” colocou-o entre os

que viram do alto Pindo o cume,
Onde ali c’os Virgílios, c’os Homeros
C’os Tassos, c’os Camões, Píndaros, Safos
Sem injúria sublimes se sentaram

(Elísio, 1817, v. I, p. 416 [v. 184-187]; grifo nosso).

A elevação do poeta mineiro à altura do lusitano é justificada com o argumento de que Termindo ilustrou o Reino e cantou novos heróis. O árcade português valoriza, em particular, o herói de *O Uruguai* – o General Gomes Freire de Andrade –, que compara aos “Gamas e Albuquerque” (Elísio, 1817, v. I, p. 417 [v. 209])⁷. Por sua vez, o Padre Macedo, na Sátira “Donde nasce que todos indulgentes”, elogia a “nobre e tersa / Locução” de *O Uruguai*, não corrompida por “mouriscas vozes / Da rançosa antigualha” (Macedo, BNP cód. 8630,

⁵ Filinto Elísio, pseudônimo pastoril de Francisco Manuel do Nascimento (Lisboa, 1734 – Paris, 1819).

⁶ Nascido como José Basílio no continente americano, Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos com ele manteve relações ainda não devidamente esclarecidas, sobretudo no que se refere à participação de cada um deles no episódio da Guerra dos Poetas, conhecido por Zamparineida e provocado por uma ode de Macedo em louvor da cantora lírica Ana Zamperini.

⁷ O apreço de Filinto pel’*O Uruguai* e o seu herói se manifesta inclusive na apropriação quer de expressões semelhantes, quer dos seguintes versos do poema basiliano: “Descontente e triste / Marchava o General: não sofre o peito / Compadecido; e generoso a vista / Daqueles frios, e sangrados corpos / Vítimas da ambição de injusto império” (*U.*, III, v. 6-10).

v. 85-86 e 88-89). Assegurando que seus versos merecerão o aplauso de todos e serão “arrancados / Da fria mão da morte”, prevê que Basílio terá fama eterna

nos Campos Lísios,
À fresca sombra de viçosos louros,
Que a honrada fronte adornam dos Mirandas,
Dos *Camões*, dos Bernardes, dos Ferreiras
(Macedo, BNP cód. 8630, v. 92-93 e 94-97; grifo meu).

Almeida Garrett e Machado de Assis são, provavelmente, os mais renomados admiradores oitocentistas de *O Uruguai*. O primeiro, no “*Bosquejo da história da poesia e da língua portuguesa*”, publicado em 1826, vê na épica basiliense “o moderno poema que mais mérito tem” (Garrett, 1826, p. XLVII), mas lastima suas dimensões reduzidas, o que indicia comparação implícita com a grandiosidade de *Os Lusíadas*. Igual apreço revela Machado, para quem o americanismo temático e paisagístico de *O Uruguai* constitui valiosa exceção no quadro da literatura do Brasil Colônia, inteiramente escravizada aos modelos europeus (Assis, 1962, p. 660 [1ª ed.: 1895]). Neste caso, o modelo implícito é sem dúvida a epopeia camonianiana.

Entretanto, no século XIX, a mais altissonante ligação entre os dois poemas foi estabelecida por Manuel Duarte Moreira de Azevedo nas invocações com que inicia sua biografia de Basílio da Gama. Visando consagrá-lo, o ensaísta convoca os grandes escritores da literatura ocidental, entre os quais Camões, a saudarem o épico mineiro:

Levantai-vos, Homero, do vosso túmulo secular, e vinde saudar
um poeta grande como vós.
[...]
Deixai *Camões*, o vosso leito do hospital, onde repousais há perto
de 300 anos;
[...]

E vós, poeta de Lenora, infeliz Tasso, deixai tirar da coroa que vos orna a fronte, já fria e desbotada pela morte, uma só flor, uma só folha, para dá-la a um poeta infeliz e grande como vós, para oferecê-la a José Basílio da Gama (Azevedo, 1861, p. 25; grifo meu).

A sustentar o seu apelo, Moreira de Azevedo afirma que *O Uruguai* é a “primeira epopeia” brasileira, que nela “tudo é admirável, a grandeza das imagens, a fluidez do verso, a harmonia das palavras, a riqueza das ideias” (Azevedo, 1861, p. 28) e conclui dizendo que Basílio era “um vate rei, sublime como Homero” (Azevedo, 1861, p. 28). Embora não tenha optado por equiparar o poeta mineiro a Camões, ousou alçá-lo aos píncaros em que este estava colocado.

Há, em contrapartida, críticos que contestam a existência de laços entre *O Uruguai* e *Os Lusíadas*, negando, além disso, qualquer mérito ao poema basiliano. Quem de imediato declarou que José Basílio desprezava Luís de Camões foi João Xavier de Matos⁸. Lembrado, sobretudo, através do seu pseudônimo pastoril, Albano Eritreu atacou o árcade brasileiro por ter apontado defeitos na epopeia camoniana e nas de outros poetas antigos e modernos, como se lê nos versos do seguinte soneto:

Se o Cantor Grego, se o Cantor Latino
Sustentar o caráter não souberam
Dos dous grandes poemas que fizeram
De quem tu foste imitador indigno

⁸ Poeta hoje esquecido e de cuja biografia pouco se sabe, Xavier de Matos teve em vida seus poemas editados esparsamente. Sua obra foi depois reunida em três volumes, sob o título *Rimas de João Xavier de Matos, entre os pastores da Arcádia portuense Albano Eritreu. Dedicadas à memória do grande Luís de Camões, etc.*

Se o grande Tasso, se o Camões divino
Milton, Voltere, os que depois viveram
Réus do mesmo delito apareceram
No Tribunal de um crítico maligno

[...]

Qual Poeta nos dás por formulário?

(Matos, BPMP cód. 1129, v. 1-8 e 14).

É, contudo, incontestável que Basílio admirava Homero, Virgílio e Camões, mas rejeitava a obediência cega ao modelo da magnífica criação épica do vate português, como evidencia o soneto em que responde ao árcade português:

Amo o Grego Cantor, gosto de ouvi-lo
Dando ao filho de Tétis peito de aço:
Amo o piedoso herói que imenso espaço
Correu, buscando, em terra estranha asilo,

[...]

Lê pelo teu Camões; canta o amor cego,
Que inda que arte não tens, Amigo Albano⁶,
Alguma natureza eu não ta nego.

(Gama, BNP cód. 3766, v. 1-4 e 12-14).

O URAGUAI E OS LUSÍADAS: EMULAÇÃO E AFASTAMENTO DO MODELO GRECO-LATINO

Os Lusíadas é a mais esplêndida e grandiosa epopeia da Língua Portuguesa produzida no longo período do Classicismo moderno

e *O Uruguai*, embora alguns críticos o neguem⁹, é uma epopeia clássica de pequenas dimensões. Alinhados na ambição de emular os modelos da Antiguidade greco-romana, os dois poemas apresentam as principais marcas estruturais do gênero épico cultivado por Homero e Virgílio¹⁰.

Como Camões, José Basílio utilizou as formas estruturais da epopeia greco-latina, privilegiadas pelas literaturas da Europa moderna. Fê-lo, porém, de modo peculiar. Diferentemente de *Os Lusíadas* – organizados em dez cantos, oitavas e decassílabos rimados segundo o esquema ABABABCC –, *O Uruguai* é composto por cinco cantos não subdivididos em estrofes e por decassílabos brancos, caros aos preceptistas e poetas do Setecentos. A concentração formal e uma reduzida temporalidade contribuem para dar ao poema basiliano características peculiares e mais próximas da criação dramática.

Em consonância com o mais replicado modelo greco-latino, a epopeia camoniana inicia com uma Proposição altissonante (*Lus.*, I, 1-3), de todos sobejamente conhecida. A abertura d’*O Uruguai* abandona essa tradição, pois a proposição é antecédida pela inusitada descrição de uma batalha recém-acabada:

⁹ Entre eles, destaca-se Antonio Candido, que enquadra *O Uruguai* na estética árcade e defende que sua natureza é “primeiramente, lírica; em seguida, heroica; finalmente, didática” (Candido, 1964, p. 133).

¹⁰ Sobre as semelhanças e diferenças entre os dois mais importantes poemas épicos da língua portuguesa publiquei nesta mesma revista um artigo no ano 2000.

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tépidos, e impuros,
Em que ondeiam cadáveres despídos,
Pasto de corvos. Dura inda nos vales
O rouco som da irada artilheria.¹¹
(*U.*, I, v. 1-5).

Só depois desse quadro trágico vem uma Proposição curta e singela, presa a uma ainda mais breve Invocação: “MUSA, honremos o Herói, que o povo rude / Subjugou do Uruguai, e no seu sangue / Dos decretos reais lavou a afronta.” (*U.*, I, v. 6-8).

Quão diversa é a genérica musa de *O Uruguai* das Tágides a quem Camões pede “som alto e sublimado” e “estilo grandíloco e coerente” (*Lus.*, I, 4, 5-6).

Distingue, por sua vez, os dois poemas a muito extensa e original Dedicatória camoniana¹² (*Lus.*, I, 7-18), transformada por Basílio num sucinto pedido de proteção acompanhado pela inusitada oferta de versos futuros:

¹¹ Semelhantes e terríveis imagens do desfecho de um combate se encontram num episódio do Canto III d’*Os Lusíadas*, como se lê nos seguintes versos: “Cabeças pelo campo vão saltando, / Braços, pernas, sem dono e sem sentido / E doutros as entranhas palpitando / Pálida a cor o gesto amortecido / [...] / Correm rios do sangue desparzido” (*Lus.*, III, 52, 1-6).

¹² Vitor Aguiar e Silva considera a Dedicatória, “sob o ponto de vista poetológico, a parte mais original e mais relevante do ritual introdutório de *Os Lusíadas*”, pela sua anômala extensão e sobretudo por ter como objeto D. Sebastião, “personagem fundamental para a compreensão do argumento do poema”, dado que Camões via nesse “herói futuro [...] o garante da existência soberana e livre de Portugal” (2008, p. 100-101).

Herói¹³, e Irmão de Heróis, saudosa, e triste,
Se ao longe a vossa América vos lembra,
Protegei os meus versos. Possa entanto
Acostumar ao voo as novas asas,
Em que um dia vos leve.

(*U.*, I, 12-16).

Em conformidade com a fórmula canônica adotada por Camões e seus antecessores greco-latinos, a narração d’*O Uruguai* começa *in medias res* e, tal como n’*Os Lusíadas*, o relato dos acontecimentos anteriores é entregue pelo poeta-narrador externo a algumas personagens.

Aproximam também os dois poemas a escolha de matéria histórica e a intenção de verdade, em detrimento da matéria mítica ou fabulosa da *Ilíada*, da *Eneida* ou do *Orlando Furioso*. Camões declara “verdadeiras” as façanhas que narra (*Lus.*, I, 11) e Basílio explica em nota que *O Uruguai* nasceu do desejo de corresponder ao interesse de pessoas que em Roma o procuraram “para saberem com fundamento as notícias do Uruguai” (*U.*, I, nota).

Contrapondo-se ao modelo preferido por autores antigos e modernos, o assunto abordado pelos nossos dois épicos foi extraído de acontecimentos mais ou menos próximos da época em que foram poetizados. O distanciamento histórico é, no entanto, bem maior em *Os Lusíadas*, cuja ação nuclear é a descoberta do caminho marítimo para a Índia, realizada em 1497-1498 pela armada comandada por Vasco da Gama. Mais de setenta anos separam aquela viagem da publicação da epopeia camoniana (1572) e menos de vinte a edição *princeps* de *O*

¹³ O herói referido é Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1701-1769), a quem o poema é dedicado. Irmão do Marquês de Pombal, ele governou o território do Grão Pará e Maranhão (1751-59).

Uruguai (1769) da Guerra Guaranítica (1753-1756) que nele é narrada¹⁴. Situada em data muito próxima da escrita do poema, a história narrada n'*O Uruguai* não transgride uma regra fundamental do discurso da poesia épica, mas era suficiente para impossibilitar Basílio da Gama de fantasiar em demasia os acontecimentos. Acresce que o assunto exigia descrição, pois o Marquês de Pombal rejeitara o Tratado de Madrid, cuja execução é enaltecida no poema.

Na narrativa central d'*Os Lusíadas* e d'*O Uruguai*, engastam-se episódios complementares canônicos na tradição épica. Em Camões juntam-se ao relato da descoberta do caminho marítimo para as Índias acontecimentos que, em vários episódios, resumem a História de Portugal, dos primórdios da sua fundação até data posterior à da viagem de Vasco da Gama. Em Basílio, prendem-se à narrativa da execução do convênio de 1750 na região do rio Uruguai e à consequente luta para sujeitar os ameríndios incitados à rebeldia pelos seus padres, apenas dois episódios: o das visões de Lindoia e o das pinturas do templo missionário, ambos estreitamente ligados à narrativa central. O primeiro é apresentado como posterior à ação nuclear, apesar de ser historicamente anterior. O segundo integra no relato central uma súmula de ações maléficas praticadas pela Companhia de Jesus noutros tempos e espaços. Enaltecidas pela recepção da epopeia camoniana, as expansões espaço-temporais da matéria épica n'*O Uruguai* são condenadas por vários comentaristas que parecem ignorar tratar-se

¹⁴ Pouco sinalizado, o tempo histórico revela imprecisão característica do discurso épico e, como preconizava a poética clássica, é bastante reduzido, não ultrapassando o limite de um ano. A concentração temporal da narrativa exigiu uma manipulação deformadora do acontecimento histórico recriado, que se estendeu por um período de aproximadamente quatro anos. A criação de uma intriga onde as peripécias ocorrem em sucessão vertiginosa parece visar também ao objetivo particular de obter um efeito mais dramático, ou melhor, de dar à intriga certo colorido trágico.

de um aspecto típico das epopeias de matriz greco-latina. Basílio da Gama difere, contudo, de Camões por reduzir ao mínimo os episódios complementares que, independentemente do seu significado ideológico, são tal como n’*Os Lusíadas* parte essencial do processo de poetização da História realizado pelo escritor mineiro.

Herança também da Antiguidade, o plano do sobrenatural está fortemente presente e duplicado em maravilhoso cristão e mitologia greco-latina n’*Os Lusíadas*, mas é reduzido ao mínimo n’*O Uruguai*, devido, sem dúvida, à busca setecentista do natural e do racional¹⁵, bem como à sobrevalorização da utilidade da literatura em detrimento do prazer e da beleza propiciados por aqueles artifícios típicos do gênero épico.

Na epopeia camoniana, as divindades da mitologia greco-latina e do cristianismo – inexistentes no poema basiliano – têm intervenção fundamental no desenvolvimento da trama. Na épica basiliana, o sobrenatural se manifesta apenas em dois momentos através da “estranha” ação dos ameríndios Cepé e Tanajura. O primeiro aparece, depois de morto, a Cacambo, incitando-o atacar os europeus invasores do seu território. Contudo, tal aparição – crucial no desenvolvimento da intriga – é posta em dúvida pelo narrador:

não podia entanto
O inquieto Cacambo achar sossego.
No perturbado interrompido sono,
Talvez fosse ilusão, se lhe apresenta
A triste imagem de Cepé despido
Pintado o rosto do temor da morte
(*U.*, III, 48-53; grifo meu).

¹⁵ No século XVIII, alguns preceptistas portugueses e europeus, avessos ao maravilhoso e ao sobrenatural, reprovaram os abusos da imaginação na epopeia camoniana.

Em contrapartida, não são questionados os poderes sobrenaturais de Tanajura, que “lia pela história do futuro” (*U.*, III, 203) e pôde, portanto, mostrar a Lindoia a destruição de Lisboa causada pelo terremoto de 1755, sua reconstrução ordenada pelo Marquês de Pombal e a expulsão dos jesuítas de Portugal. Outro acontecimento essencial do relato é atribuído pelo poeta – ainda que de forma dubitativa – à ação daquela “Visionária, supersticiosa” (*U.*, III, 204):

Dizem que Tanajura lhe pintara
 Suave aquele gênero de morte,
 E talvez lhe mostrasse o sítio, e os meios.
 (*U.*, IV, 220-222).

A TEMÁTICA GUERREIRA

Embora *Os Lusíadas* seja uma narrativa de viagem, a guerra e a luta pelo poder nele desempenham papel de grande importância. Para Vitor Aguiar e Silva, a matéria do poema são “os feitos bélicos praticados em terra e no mar” pelos portugueses (2008, p. 99). Isabel Almeida lembra que Camões começa falando em “armas”¹⁶, termina com a iminência de futuros combates, enganando-se, porém, ao prever a vitória de D. Sebastião nas lutas que comandou no Norte da África (*Lus.*, X, 155-156). A estudiosa anota, outrossim, que o poeta ao centrar a atenção em casos concretos da história humana é para nela reconhecer um processo em cujo desenrolar se acumulam episódios bélicos nascidos do desejo de ter e de poder¹⁷.

¹⁶ Conferir: “As armas e os barões assinalados / [...] / Em perigos e guerras esforçados / Mais do que prometia a força humana” (*Lus.*, I, 1, 1-6).

¹⁷ Agradeço a Doutora Isabel Almeida as informações que constam no artigo inédito sobre a presença da guerra n’*Os Lusíadas*.

No passado remoto da Lusitânia, Camões destaca a figura de Vi-riato, que chefiou a luta dos habitantes da região contra os romanos que visavam anexar a Península Ibérica ao seu império. Vasco da Gama, a quem ele entrega a narração da História de Portugal, descreve as “batalhas sanguinosas” (*Lus.*, I, 17, 4) de Ourique, do Salado e de Aljubarrota, nas quais os portugueses buscaram preservar o poder no seu território. No final do poema, Tétis revela ao Gama os inúmeros combates que seus compatriotas iriam travar no Oriente aonde ele acabara de chegar:

Cantava a bela Deusa que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras venceriam
Por onde o Oceano Índico suspira;
E que os gentios Reis que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a ele ou logo à morte.

(*Lus.*, X, 10, 1-8).

A mesma camonista frisa a beligerância dos lusitanos contra aqueles que se opõem ao projeto imperial de dominação que caracteriza o Portugal de então. O que está patente no episódio passado na ilha de Moçambique, em que “a gente portuguesa” oculta inicialmente seu poderio militar e, em seguida, qual “animal atroz, [...] / Derriba, fere e mata e põe por terra” (*Lus.*, I, 88, 5-8).

Criação épica de tema guerreiro, *O Uruguai*¹⁸ se centra na luta dos portugueses pela posse do território missioneiro que lhes coubera no acordo luso-espanhol de 1750 e nas artimanhas da Companhia

¹⁸ *O Uruguai* apresenta uma multiplicidade de “temas guerreiros” (Chaves, 2000b, p. 81-103), cuja origem remonta aos poemas homéricos (cf. Miniconi, s. d.).

de Jesus para impor a fé cristã em todo o mundo, enquanto recolhia vantagens político-econômicas. Apenas uma única batalha é narrada no poema, na qual foram reunidos os dois recontros bélicos da Guerra Guaranítica, em que o exército luso-espanhol, possuidor de poderoso armamento somado à estratégia militar europeia, dizimou rapidamente os nativos. N’*O Uruguai*, as tropas comandadas por Andrade derrotam os ameríndios, armados apenas com arcos e flechas. Destaca-se na luta, “co’ exemplo, e co’ as palavras”, o valente Cepé, morto, entretanto, pelo “Espanhol, [que] Com a pistola lhe fez tiro aos peitos” (*U.*, II, 312 e 345-346).

Malgrado o propósito de exaltar o herói, Basílio descreve com sobriedade as suas ações bélicas, assim como as do seu exército, perspectivadas em geral coletivamente. Em contrapartida, assumem, sobretudo, a forma de ações individuais, as passagens que focam as proezas guerreiras dos ameríndios. Para além das intenções veristas, o realce dado a estes guerreiros consubstancia um sentido basilar do poema. A valorização do heroísmo do indígena constitui, no entanto, uma inversão das práticas da poesia épica, pois sobreleva a bravura dos opositores à do herói e de seus pares.

Acatando talvez os ditames da *bienséance* clássica, *O Uruguai* evita os motivos sangrentos e violentos, todavia empregues na abertura do poema em que é apresentado um retrato abominável do final de uma batalha, que relembra o quadro camoniano da luta de Afonso Henriques contra os Mouros, na qual “Corre[ra]m rios do sangue desparzido” e se viram “Cabeças pelo campo [...] saltando / Braços, pernas, sem dono e sem sentido / E doutros as entranhas palpitando” (*Lus.*, III, 52, 1-3).

OS HERÓIS CAMONIANOS E O HERÓI DE JOSÉ BASÍLIO DA GAMA

Como na matriz greco-latina, o herói d’*Os Lusíadas* tal como o d’*O Uruguai* são anunciados na Proposição. Embora Vasco da Gama ocupe o primeiro plano na construção narrativa d’*Os Lusíadas*, os camonistas atuais não o consideram o herói do poema¹⁹, e sim, como sustenta Hélio Alves (1999), o “*primus inter pares*”, dos quais são contadas ações igualmente relevantes para os objetivos da epopeia. A dimensão coletiva do herói camoniano é explicitada na extensa Proposição, em que Camões declara cantar “[...] os barões assinalados / Que [...] / Passaram ainda além da Taprobana” (*Lus.*, I, 1, 1-4), os

[...] Reis que foram dilatando
A Fé [e] o Império
[...]
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando
(*Lus.*, I, 2, 2-6).

No poema basiliano, “o Herói, que o povo rude / Subjugou do Uruguai, e no seu sangue / Dos decretos reais lavou a afronta” (*U.*, I, 6-8) é uma figuração épica do General português Gomes Freire de Andrade, que vence os indígenas na campanha militar que comandou. Pré-designado herói na Proposição, Andrade se encaixa na definição de protagonista de Philippe Hamon (1972): é a personagem mais presente na narrativa; a que realiza maior número de funções e as mais importantes; vitorioso e glorificado, pertence ao espaço moral privilegiado pelo poeta.

¹⁹ Para Aguiar e Silva (2008), a prova irrefutável de que o herói isolado do poema não é o Gama se encontra no “também” inscrito na sua apresentação: “Dou-vos também aquele ilustre Gama, / Que pera si de Eneias toma a fama (*Lus.*, I, 12, 7-8).

Ainda que Vasco da Gama e o General Andrade sejam comparados aos antigos modelos do herói épico, diferenciam-se deles por algumas das suas características e ações. Heróis da Idade Moderna, eles não têm os traços de brutalidade e selvageria, nem a grandeza heroica do enfrentamento pessoal, arriscado e violento, dos heróis de Homero. Nenhum dos dois participa diretamente nos combates²⁰, o que é uma marca essencial da ação dos heróis greco-romanos. Situa-dos na retaguarda e possuindo armas muito mais potentes do que as dos seus adversários, limitam-se a comandar. Não sendo superiores ao restante da humanidade, cumprem fielmente a sua missão.

Protagonista vitorioso e incensado na narrativa d'*O Uruguai*, o general português é construído não só através das ações que realiza, mas também das características enunciadas por um narrador solidário, cuja adesão está expressa no discurso por meio do emprego englobante da primeira pessoa do plural, em formas tais como “nosso general” (*U.*, I, 28) ou “por nós a vitória se declara” (*U.*, III, 285). Vasco da Gama difere de Andrade seja por se mostrar vacilante e temeroso em algumas situações, pondo até mesmo em dúvida o êxito da sua missão²¹, seja porque o narrador lhe aponta certos traços negativos²². A sua conduta se singulariza por manifestações pontuais de violência, de embuste, de soberba, bem como de preconceito ou

²⁰ Andrade não aparece na cena da batalha travada entre o seu exército e os ameríndios, ressurgindo quando ela termina a olhar horrorizado para os mortos e feridos (*U.*, III, 6-9).

²¹ O Gama confessa que, estando prestes a embarcar, temeu o insucesso da viagem (*Lus.*, IV, 87), isso também acontecendo durante as tempestades em alto mar.

²² Diversos estudiosos apontam como seu principal traço positivo a tenacidade com que levou a cabo a missão de que o encarregou o rei; outros valorizam o fato de o Gama ter vencido o medo quando enfrentou o Adamastor.

de desprezo pelos povos dos territórios em que aporta²³. De exemplo serve o já mencionado episódio da Ilha de Moçambique, em que o Gama ataca com força desmedida uma povoação desprotegida, atingindo sobretudo os mais frágeis:

Não se contenta a gente Portuguesa,
Mas, seguindo a vitória, estrui e mata;
A povoação sem muro e sem defesa
Esbombardeia, acende e desbarata.
(*Lus.*, I, 90, 1-4).

Tal violência é justificada no poema pela ação persecutória de Baco que divulgara “falsidades” a respeito dos malignos propósitos e atitudes dos portugueses (o que veio a confirmar-se na história posterior da Expansão colonial):

Tenho destes Cristãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar têm destruído
Com roubos, com incêndios violentos;
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos
São pera nos matarem, e roubarem,
E mulheres e filhos cativarem.
(*Lus.*, I, 79, 2-8).

Outros traços negativos da personalidade de Vasco da Gama se manifestam em Calecute, onde ele promete ao Samorim amizade e comércio mutuamente proveitoso, a fim de obter o seu acordo para

²³ Segundo Isabel de Almeida, da Costa da África à do Malabar, a expedição que comandou trouxe consigo desaire, estranheza, confronto. Para Hélio Alves, os cantos III, IV e V estão repletos de exemplos de ofensas do Gama aos nativos, que ele desconsidera e cuja cultura e religião ofende.

o estabelecimento dos portugueses na Índia. Enganadoras tais promessas contradiziam as reais intenções do monarca que ele representa e cujo intento de conquista armada e obtenção de riquezas conhecia e secundava:

Armas e naus e gentes mandaria
 Manuel, que exercita a suma alteza
 Com que a seu jugo e Lei so(b)meteria
 Das terras e do mar a redondeza;
 Que ele não era mais que um diligente
 Descobridor das terras do Oriente.

(*Lus.*, VIII, 57, 3-8).

Quando, sequestrado pelo Catual (*Lus.*, VIII, 94), o emissário de D. Manuel opta por comprar “co a fazenda a liberdade” (*Lus.*, VIII, 92, 8), exibindo a seguir ações pouco heroicas:

Ele, vendo que já lhe não convinha
 Tornar a terra, por que não pudesse
 Ser mais retido, sendo às naus chegado
 Nelas estar se deixa descansado.

[...]

Veja agora o juízo curioso
 Quanto no rico, assi(m) como no pobre,
 Pode o vil interesse e sede imiga
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

(*Lus.*, VIII, 95, 5-8; 96, 5-8).

Contrapondo-se a Vasco da Gama, Andrade tudo faz para tentar evitar o confronto com os ameríndios e seus catequistas. Averso à violência, ele se esforça primeiramente na tentativa de convencer os caciques Cepé e Cacambo a não lutar contra a sua potente artilharia que iria cobrir as “campinas [da região] / De semivivos, palpitantes

corpos” (*U.*, II, 160-161). Forçado, porém, a lutar, o General português procura defender o seu exército, o que acontece quando evita que o incêndio ateado por Cacambo destrua o acampamento das suas tropas (*U.*, III, 134-141). Demonstrando em várias situações o desgosto pela crueldade e destruição que a guerra provoca, Andrade sossega o tumulto após a vitória, “Reprime a militar licença, e a todos / Co’a grande sombra ampara” (*U.*, V, 127-128). O comandante do exército português encarna alguns valores do ideal humano do Iluminismo, tais como o repúdio à guerra, o apreço pelo trabalho, a visão otimista do progresso civilizacional, a fraternidade e a piedade.

De qualquer modo, o navegador e o general protagonizam o programa imperial e colonialista dos respectivos monarcas. Cumprindo deveres políticos, cívicos, religiosos e morais próprios do seu tempo, consubstanciam modelos de comportamento epocais e valores nacionais. Andrade o explicita com clareza quer no relato que faz aos aliados espanhóis sobre os antecedentes e o início da campanha militar na região do rio Uruguai (*U.*, I, v. 160-164 e 169-172), quer no diálogo que trava com os caciques ameríndios em busca de sujeitá-los pacificamente:

Por mim te fala o Rei: ouve-me, atende,
E verás uma vez nua a verdade.
[...]
O Rei é vosso Pai: quer-vos felices.
Sois livres, como eu sou; e sereis livres,
Não sendo aqui, em outra qualquer parte.
Mas deveis entregar-nos estas terras.
Ao bem público cede o bem privado.
O sossego de Europa assim o pede.
Assim o manda o Rei. Vós sois rebeldes,
Senão obedeceis

(*U.*, II, 117-118; 133-139).

A VISÃO CRÍTICA DE CAMÕES E DE BASÍLIO DA GAMA

Na construção d'*Os Lusíadas*, a glorificação da “epopeia” das navegações e a celebração dos grandes feitos dos portugueses são contraditadas por algumas passagens em que se sobressai a visão crítica reveladora da invulgar dimensão reflexiva de Camões, nem sempre sublinhada na recepção do poema. Nesse conjunto, destaca-se o muito estudado episódio do Velho do Restelo. Figura anônima, popular e austera, este ancião surge na altura em que é narrada a partida da armada de Vasco da Gama e é caracterizado como “descontente”, de “aspecto venerando” e dotado de “saber só d’experiências feito” (*Lus.*, IV, 94). Num longo e solene discurso contra as viagens de exploração marítima realizadas pelos portugueses, ele deplora os desastres decorrentes da busca de novas rotas e territórios, o despovoamento de Portugal, ao mesmo tempo que condena a ambição de glória, a cobiça de riquezas e o projeto imperial que movem os homens e a Coroa:

– Ó glória de mandar! ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
[...]

A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
[...]
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?

(*Lus.*, IV, 95, 1-2; 97, 1-6).

Alguns camonistas vêem no Velho do Restelo a encarnação das vozes que, na época, condenaram as navegações e a expansão²⁴ e que Camões não ocultou devido ao seu compromisso com a “verdade nua e crua”; outros o interpretam como alter ego do próprio poeta, inconformado com o abandono das praças da África²⁵ e da luta contra os mouros, em favor da conquista da Índia. Outros ainda se têm detido na análise das fontes clássicas²⁶ subjacentes na idealização e redação do episódio.

Há, por outro lado, quem estranhe as invectivas do Velho do Restelo, visto que elas se contrapõem à exaltação das conquistas marítimas e dos triunfos militares dos portugueses que constitui o cerne d’*Os Lusíadas*. Para Salvatore d’Onofrio (1970), a originalidade de Camões decorre exatamente da paradoxal mistura da celebração e condenação do acontecimento fulcral da epopeia, o que foge a qualquer influência clássica e não tem precedente da poesia épica. Em seu entender, é “o espírito crítico, que, juntamente ao sentimento humano do Poeta, a certa altura se revela e se afirma, em contraste com todas as exigências da épica clássica, para criar um momento de crise acerca dos valores da epopeia portuguesa” (D’Onofrio, 1970, p. 78).

Postura crítica similar está patente também noutras passagens. Isabel Almeida (2018) demonstrou que Camões teve a audácia de criticar o clero, os nobres, os parasitas e até mesmo os reis, cuja figura é

²⁴ Nesse sentido, ele seria uma representação simbólica do povo ou até mesmo de Portugal.

²⁵ Quase no final do poema, Camões cede a palavra a Tétis para expressar o seu desejo de ver os portugueses voltarem a lutar “Contra a lei dos imigos Sarracenos” (*Lus.*, IX, 94, 4).

²⁶ Cf. os comentários de Faria e Sousa na edição de *Os Lusíadas* (1972) e o artigo de Rebelo Gonçalves sobre a fala do Velho do Restelo (1937).

“manchada” por variados defeitos. É o caso de Pedro I, que vingou o assassinato de Inês de Castro mandando matar os responsáveis pela sua morte (*Lus.*, III, 130) e de D. Fernando, seu filho, “remisso e sem cuidado algum”

Que todo o Reino pôs em muito aperto;
Que, vindo o Castelhana devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

(*Lus.*, III, 138, 4-8).

Além de culpar os “Reis, que às vezes a privados / Dão mais que a mil que esforço e saber tenham” (*Lus.*, VIII, 41, 3-4), censura seus mais altos representantes, entre os quais o “ilustríssimo Albuquerque”, cuja fama é escurecida por ter punido com a morte um soldado que se apaixonara por uma escrava. Condenando, por sua vez, o “vil interesse e sede imiga / Do dinheiro, que a tudo nos obriga.” (*Lus.*, VIII, 96, 7-8), Camões exorta os reis e a elite a mudar de procedimento, ao mesmo tempo que manifesta simpatia pelas classes populares:

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente
[...]

Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos,
[...]
E todos tereis mais e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras que ilustram tanto as vidas

(*Lus.*, IX, 93, 1-4; 94, 1-8).

Questionando, finalmente, o clero que se considera semelhante a Tomé, mas não segue os seus passos, afirma que os representantes da Igreja não cumprem o dever de “pregar a santa Fé” (*Lus.*, X, 119, 4) e recomenda que

Tenham Religiosos exercícios
De rogarem, por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vícios
Comuns; toda ambição terão por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro
Glória vã não pretende nem dinheiro.

(*Lus.*, X, 150, 3-8).

A faceta crítica é tão evidente n’*O Uruguai* que alguns estudiosos sobrelevam a vertente satírica do poema à sua natureza épica. Para Afrânio Peixoto, um dos mais conhecidos detratores da obra, “o mérito principal do ‘Uruguai’ foi pragmático, anti-jesuítico, ‘pombalino’” (Peixoto, 1941, p. XXXII). Para Antonio Candido, o poema, sendo “por ventura a mais bela realização poética do nosso Setecentos”, tem a “finalidade ostensiva de atacar os jesuítas e defender a intervenção pombalina nas Missões” (Candido, 1961, p. 116). Tais aspectos estão patentes nos dois discursos proferidos pelo General português. No primeiro, Andrade explica aos militares espanhóis que a sua presença na região se deve à necessidade de fixar as fronteiras da colônia brasileira (“Que mais certos sinais nos dividissem”; *U.*, I, 164), eliminando “As desordens dos povos confinantes” (*U.*, I, 163), cujos “Padres os incitam e acompanham / Que, à sua discrição, só eles podem / Aqui mover, ou sossegar a guerra” (*U.*, I, 184-186). No segundo, procura fazer ver aos caciques ameríndios a racionalidade da sua ação:

ouve-me, atende,
 E verás uma vez nua a verdade.
 Fez-vos livres o céu, mas se o ser livres
 Era viver errantes e dispersos,
 Sem companheiros, sem amigos, sempre
 Com as armas na mão em dura guerra,
 Ter por justiça a força, e pelos bosques
 Viver do acaso, eu julgo que inda fora
 Melhor a escravidão que a liberdade.
 Mas nem a escravidão, nem a miséria
 Quer o benigno Rei que o fruto seja
 Da sua proteção. Esse absoluto
 Império ilimitado, que exercitam
 Em vós os Padres, como vós, vassalos,
 É império tirânico, que usurpam.
 Nem são Senhores, nem vós sois Escravos.

(*U.*, II, 117-132).

O ataque à Companhia de Jesus é, todavia, mais profundo e fundamentado nas notas que acompanham o discurso poético.

Reflexo de práticas áulicas comuns tanto na Antiguidade como no Classicismo moderno, o louvor ao Marquês de Pombal não é uma atitude venal, como argumentaram vários comentaristas. O elogio do governo pombalino tem como substrato a ação benéfica para a colônia brasileira do todo-poderoso Ministro, o que não poderia deixar de ser do agrado de um poeta ligado à terra natal por forte vínculo afetivo.

Tanto a crítica como o encômio são n’*O Uruguai* manifestações da adesão de Basílio da Gama às correntes setecentistas antijesuíticas e iluministas. Orientação similar transparece, como já foi mencionado, na visão negativa da guerra, na crença no progresso, na valorização do trabalho. Esses conteúdos ideológicos, a par com a redução

do épico, são para o autor da *Formação da literatura brasileira* “soluções adequadas ao *epos* setecentista e constituem o maior mérito d’*O Uruguai*” (Candido, 1964, p. 137).

No entanto, a condenação, no discurso do herói, da “ambição de injusto império” (*U.*, III, 10) levada a cabo pela Companhia de Jesus no território americano é idêntica à pretensão do colonizado português, ao exigir que os nativos entreguem suas terras, porque assim o decidiram os reis ibéricos e “O sossego de Europa assim o pede” (*U.*, II, 138). Crítica mais profunda ao colonialismo é produzida por Cepé, quando, em resposta a Andrade, afirma que os seus rejeitam a submissão e têm direito ancestral ao território que habitam:

todos sabem
Que estas terras, que pisas, o Céu livres
Deu aos nossos Avôs; nós também livres
As recebemos dos antepassados.
Livres as hão de herdar os nossos filhos.
Desconhecemos, detestamos jugo,
(*U.*, II, 177-182).

Cacambo, por sua vez, denuncia que seus Avós foram vítimas da perfídia europeia e aponta as riquezas americanas de que já se aposaram os portugueses, concluindo o seu discurso com um lamento em que parece ecoar a fala do Velho do Restelo:

Gentes da Europa, nunca vos trouxera
O mar e o vento a nós. Ah! Não debalde
Estendeu entre nós a natureza
Todo esse plano espaço imenso de águas.
(*U.*, II, 171-174).

Assim, José Basílio da Gama, ao apontar as reais causas da guerra travada n’*O Uruguai*, enaltece e critica a empresa colonial portu-
gue-

sa, tal como o faz Camões, em relação às façanhas marítimas dos Lusíadas.

INTERTEXTUALIDADE E APROPRIAÇÕES DE *OS LUSÍADAS* N'O URAGUAI

Na impossibilidade de examinar a emulação criativa de *Os Lusíadas* em inúmeras passagens d'O *Uruguai*²⁷, detenho-me no que, em consonância com vários críticos, aproxima a descrição da morte de Lindoia do episódio de Inês de Castro. O parentesco entre eles decorre, em primeiro lugar, da tradicional inserção de motivos amorosos em narrativas épicas de conteúdo político²⁸ – especificamente a expansão do domínio português até o Oriente, na épica camoniana, e para o sul do continente americano, no poema de Basílio da Gama. Como a morte de Dido, as de Inês e Lindoia se devem a uma relação amorosa tornada impossível por razões diversas. Há, todavia, mais semelhanças entre o acontecido a Dido e a Lindoia, pois as duas se suicidam motivadas pela perda do ser amado, ao passo que Inês é assassinada por decisão do pai de seu amante com o propósito de separá-los. Em contrapartida, aproximam os nossos poetas, o tom melancólico dos versos que encerram a história das suas heroínas e a simpatia que elas lhes despertam²⁹.

²⁷ Reminiscências de *Os Lusíadas* espalhadas pelo poema basiliano têm sido apontadas, ao longo do tempo, pelos críticos, entre os quais Clóvis Monteiro, Afrânio Peixoto, Hamilton Elia, Gilberto Mendonça Teles, Aderaldo Castello e Massaud Moisés.

²⁸ Virgílio, o mais famoso antecessor dos nossos poetas, conta, na *Eneida*, história dos amores de Dido e Eneias.

²⁹ N'O *Uruguai*, a simpatia e a emoção do poeta se evidenciam na promessa do funeral que Balda recusara a Lindoia (*U.*, III, 214-217). Semelhante postura está patente n'Os *Lusíadas* na tentativa de lembrar à Inês as “memórias alegres” que ela tinha do seu príncipe (*Lus.*, III, 120 e 121).

Menos estudada é a relação do segmento do verso basiliano “Foge, fuge, Cacambo” (*U.*, III, 63) com o “fuge, fuge Lusitano” de *Os Lusíadas* (*Lus.*, II, 61, 2), ambos devedores de Heitor no episódio virgiliano em que ele aparece em sonho a Eneias e o aconselha a abandonar Troia (*E.*, II, 268-297). Em Camões³⁰, a ordem dada tem a mesma intenção da virgiliana: fazer com que Vasco da Gama e seus homens escapem dos perigos que os ameaçam. N’*O Uruguai*, o verso de que Basílio se apropriou visa incitar Cacambo a realizar ação contrária.

A épica basiliana se diferencia d’*Os Lusíadas* por não ser um deus mitológico quem se dirige a Cacambo, e sim um índio morto na luta contra os europeus e, como tal, pessoalmente interessado na vitória do seu povo. Mais importante, porém, é o fato de Cepé, ao contrário de Mercúrio, não pretender convencer o companheiro a fugir, mas fazê-lo sentir-se envergonhado com a ordem de fuga. O cacique falecido na corajosa luta contra o invasor censura Cacambo por estar a dormir num momento em que poderia surpreender o inimigo e mais facilmente derrotá-lo. O emprego da expressão camoniana pelo poeta mineiro contrapõe a ação não heroica do Gama à valentia de Cacambo, que ousou atacar (embora sem êxito) um inimigo muito mais poderoso. Através desse jogo intertextual, a resistência trágica de Cacambo sobressai na comparação com a cautela vitoriosa de Vasco da Gama, tal como o aproveitamento do motivo e do discurso de Camões (e de Virgílio) sublinham a originalidade de Basílio da Gama.

³⁰ N’*Os Lusíadas*, por decisão de Júpiter, a embaixada de Mercúrio consegue impedir o Gama de aportar em Mombaça e evitar que caia na “cilada que o Rei malvado tece / Por [o] trazer ao fim e extremo dano” (*Lus.*, II, 61, 3-4).

A QUESTÃO PATRIÓTICA E NACIONAL

Cabe, por fim, abordar uma faceta quase ignorada do vínculo existente entre os dois poemas em análise. É sabido de todos que *Os Lusíadas* visam exaltar os “pátrios feitos valerosos” (*Lus.*, I, 9, 7) realizados pelos múltiplos heróis do poema desde as remotas origens da nação até o tempo em que Camões o escreveu. Cada herói é, como assinala Hélio Alves (1999), uma sinédoque da identidade portuguesa, enquanto Isabel Almeida entende que, no Período Filipino e no da Restauração, a epopeia camoniana contribuiu para a sustentação de um “sentido de nação”, ao defender as fronteiras de Portugal na Península Ibérica e ao louvar a sua expansão no globo terrestre (Isabel, 2018, p. 32).

Há, em contrapartida, quem denuncie a visão lusocêntrica inscrita na grandiloquente exaltação dos feitos dos Portugueses, o que não discrepa das práticas da poesia épica. Menos vulgar é talvez a atitude arrogante de Vasco da Gama³¹ face ao Outro, tal como o emprego pelo poeta de adjetivos, expressões e sintagmas que repetidamente o depreciam, como exemplificam: “torpe Ismaelista” (*Lus.*, I, 8, 6), “gentes enojosas de Turquia” (*Lus.*, I, 64, 6) ou “Mouro, com tenção / De peito venenoso e tão danado (*Lus.*, I, 70, 5-6). Embora prevaleça largamente o desprezo pelos muçulmanos – caracterizados como falsos, malvados, brutos, perversos –, outros povos e gentes, entre os quais os indianos, os negros ou os gentios, são igualmente tratados de forma ofensiva. Exemplos: “De Africa toda, gente fera e estranha” (*Lus.*, III, 103, 2); “um estranho vir de pele preta / [...] / Selvagem mais que o bruto Polifemo” (*Lus.*, V, 27, 6; 28, 4); “do bárbaro Gentio / A

³¹ Outros portugueses são também assim caracterizados, como se lê nos seguintes fragmentos: “Afonso verás, soberbo e ovante (*Lus.*, III, 73, 5) e “Veloso [...] de arrogante, crê que vai seguro (*Lus.*, V, 31, 1-2).

supersticiosa adoração (*Lus.*, VII, 49, 1-2); “os Naires infernais” (*Lus.*, X, 13, 5).

Também *O Uruguai* pode ser lido como a épica da criação da pátria brasileira, mas sem um sentido autonômico, posto que o desejo de ruptura com Portugal ainda não se manifestara na colônia “brasileira”, fosse em ações concretas, fosse em textos literários. O próprio poeta o sugere ao invocar o “Gênio da inculta América”, que o inspira e “levant(a) nas seguras asas” (*U.*, IV, 284 e 286). A brasilidade do poema tem sido, porém, negada por críticos que não perceberam que a apologia da execução do Tratado de Madrid³² – a que se opuseram Pombal e os Jesuítas – sobrepõe-se, na construção formal e na produção do sentido d’*O Uruguai*, ao elogio ao Primeiro Ministro português e ao combate à Companhia de Jesus.

O fato de o acordo implicar a entrega aos espanhóis da rica Colônia do Sacramento, prejudicando o comércio de Portugal, levou Pombal a conseguir a sua anulação. Fazendo tábua rasa do acontecido, Basílio da Gama narra com épico entusiasmo a demarcação das novas fronteiras meridionais do Brasil e a sujeição a Portugal dos indígenas que habitavam a região. Ao celebrar aquele tratado, Basílio dá voz a anseios específicos de seus conterrâneos e se coloca ao lado de Alexandre de Gusmão, que, com os olhos postos na terra natal, negociou um convênio que assegurava dois dos três elementos indispensáveis à constituição do futuro Estado brasileiro: território e população. Ao dar destaque à apologia de Pombal e ao ataque aos Inacianos, o poeta mineiro conseguiu fazer passar a concretização a nível do imaginário da formação da pátria brasileira.

Sendo *Os Lusíadas* indubitavelmente a epopeia da construção da identidade portuguesa, urge reconhecer n’*O Uruguai* a “epopeia” do

³² Cf. Chaves, 1996.

colono luso-brasileiro para conquistar o território pátrio e nele inserir as populações autóctones. José Basílio da Gama deixa igualmente transparecer na obra a ambiguidade essencial da cultura brasileira, pois dá estatuto de herói ao conquistador e mascara o genocídio e a dominação do autóctone na construção do Brasil.

recebido: 27/05/2025 aprovado: 29/06/2025

REFERÊNCIAS

- (D') ONOFRE, Salvatore. O Velho do Restelo e a consciência crítica de Camões. *Revista de História*, São Paulo, USP, v. 40, n. 81, p. 75-89, 1970.
- ALMEIDA, Isabel “Veja agora o juízo curioso”. *Os Lusíadas*: poesia e consciência identitária. In: ALVES, Fernanda Mota; HAMMER, Gerd; LOURENÇO, Patrícia (org.). *Identidades em trânsito*. Vila Nova de Famalicão: Húmus/Centro de Estudos Comparatistas, 2018. p. 27-48.
- ALVES, Hélio João dos Santos. *O sistema da poesia épica quinhentista*. Camões, Corte Real e os contemporâneos. Tese de doutoramento. Évora, Universidade de Évora, 1999
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962. v. III, p. 660 e 801-809.
- AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. José Basílio da Gama. In: AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. *Ensaaios biographicos*. Rio de Janeiro: Typ. de F. A. de Almeida, 1861. p. 25-28.
- CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas. In: CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963. p. 1-264.
- CANDIDO, Antonio. Letras e ideias no período colonial. In: HOLANDA, Sergio Buarque de. *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961. v. I, t. 2, p. 103-125.
- CANDIDO, Antonio. O disfarce épico de Basílio da Gama. In: CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Momentos decisivos. 2. ed. rev. São Paulo: Martins, 1964. v. 1, p. 133-142.
- CHAVES, Vania Pinheiro. A glorificação do Tratado de Madrid, forma original da brasilidade de *O Uruguay*. In: TEIXEIRA, Ivan. *Obras poéticas de Basílio da Gama*. São Paulo: EdUSP, 1996. p. 451-468.

CHAVES, Vania Pinheiro. José Basílio da Gama, o Camões brasileiro?. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 17, p. 379-392, 2000a.

CHAVES, Vania Pinheiro. *O despertar do gênio brasileiro*. Uma leitura de *O Uruguai* de José Basílio da Gama. Campinas: Editora da Unicamp, 2000b.

COUTINHO, João Pereira Ramos de Azevedo; SANT’ANNA, Francisco Xavier de; NOVAES, Pedro Viegas de. Parecer para publicação de *O Uruguai*. Lisboa, Real Mesa Censória, 25/IX/1769. ANTT, Ms. Censura 1769 nº 107.

ELÍSIO, Filinto. Ode. Os últimos adeus às Musas, dedicados ao Senhor Alexandre Sané. In: ELÍSIO, Filinto. *Obras completas*. 2. Ed. emen. e acresc. Paris: A. Bobée, 1817. v. I, p. 409-422.

FARIA E SOUSA, Manuel de. *Lusíadas de Luís de Camões*: comentadas por Manuel de Faria e Sousa. 2v. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972.

FERREIRA, Inácio Garcez. *Lusíada*. Poema épico de Luis de Camões, príncipe dos poetas de Espanha... t. I. Nápoles: Oficina Parriniana, 1731; t. II. Roma: Oficina de Antonio Rossi, 1732.

GAMA, José Basílio da. *O Uruguay*. Poema de ... na Arcadia de Roma Terminado Sipílio dedicado ao Ill.mo e Ex.mo Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado Secretario de Estado de S. Magestade Fidelissima. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1769.

GAMA, José Basílio da. Parodia Camões. Canto 4º Estancia 94. e seg^{tes} – Imitação, ou Versão, dirigida em particular á Légoa da Póvoa, em Tercetos da Elegíada de Monteiro; e em geral a enchente de todos os seus arrôtos satiricos, e vaidade da sua Sciencia. BNP, 8630: *Zamparineida Metrica-Laudatica-Satyrica ou Collecção das Obras Poéticas pró, e contra, feitas em Lisboa á Cantora Italianna, Anna Zamparine, e ao Padre Manoel de Macedo*. 1774, p. 157-168 [Anônimo].

GAMA, José Basílio da. *Soneto*. Amo o Grego Cantor, gosto de ouvi-lo. BNP, Códice 3766, fl. 1v.

GARRETT, Almeida. Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza. In: GARRETT, Almeida. *Parnaso lusitano ou Poesias selectas de auctores portuguezes antigos e modernos*, t. I. Paris: Casa J. A., 1826. p. VIII-LXVII.

GONÇALVES, Francisco Rebelo. *Dissertações camonianas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

HAMON, Philippe. Pour un statut sémiologique du personnage. *Littérature*, Paris, n. 6, p. 86-110, 1972.

MATOS, João Xavier de. *Soneto*. Se o Cantor Grego, se o Cantor Latino. BPMP, Códice 1129. p. 96.

MINICONI, Pierre-Jean. *Études de thèmes 'guerriers' de la poésie épique gréco-romaine, suivi d'un index*. Paris: PUF, s. d.

PEIXOTO, Afrânio. Nota preliminar. In: José Basílio da Gama. *O Uruguai*. Edição comemorativa do Segundo Centenário. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1941. p. VII-XXXVII.

SILVA, José Maria da Costa e. A Camões. Ode. In: LEÃO, Desiderio Marques. *Jornal poético, ou Coleção das melhores composições, em todo o gênero, dos mais insignes poetas portugueses, tanto impressas, como inéditas, oferecidas aos amantes da nação por Desidério Marques Leão, livreiro ao Calhariz*. Lisboa: Impressão Regia, 1812. p. 249-256.

SILVA, José Maria da Costa e. Domingos Monteiro d'Albuquerque e Amaral. *O Ramalhete*. *Jornal d'Instrução e Recreio*, Lisboa, v. VI, p. 395, 1843.

SILVA, José Maria da Costa e. José Basílio da Gama – poeta. *O Ramalhete*. *Jornal de Instrução e Recreio*, Lisboa, v. IV., p. 21-24, 1841.

SILVA, Vitor Aguiar. A epopeia, Os Lusíadas e as leituras antológicas. In: SILVA, Vitor Aguiar. *A lira dourada e a tuba canora: novos ensaios camonianos*. Lisboa: Livros Cotovia, 2008. p. 93-107.

VASCONCELOS, Padre Manuel de Macedo Pereira de [Assinado: Macedo]. Sátira “Donde nasce que todos indulgentes”. BNP, Códice. 8630: *Zamparineida métrica-laudatica-satirica*, p. 102-108. [Assinado: Macedo].

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. [S. l.]: eBooks Brasil, 2005. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/eneida.pdf>. Acesso em: 30 set. 2025.

MINICURRÍCULO

VANIA PINHEIRO CHAVES é Professora Associada (aposentada) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Coordenadora do da LI 1 GI 3 (Brasil: literatura, memória e diálogos com Portugal) do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da FLUL. Mestre e Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Lisboa. Docência e investigação em Literatura e Cultura Brasileira. Publicações: *Diálogos luso-brasileiros, Os portugueses e Portugal na ficção brasileira*. (com Z. Burianová, K. Ritterova e E. Pereira), 2024; *Literatura de Cordel. Olhares interdisciplinares* (com Ana M. P. Morão, F. M. Silva, F.M.Ferreira e I. Lousada), 2023; *Brasil/Portugal: diálogos sobre literatura* (com M. A. Ribeiro e V. Camilo), 2022; *Caminhos cruzados: os portugueses e Portugal na ficção brasileira* (com A. M. L. Mello e Jacqueline Penjon) 2021; *As Senhoras do Almanaque. Catálogo da produção de autoria feminina* (com I. C. Lousada e C. Abreu), 2015; *O despertar do gênio brasileiro. Uma leitura de O Uruguai de José Basílio da Gama*, 2000; *O Uruguai e a fundação da Literatura Brasileira*, 1997.